



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DÉBORA BRANCAGLIÃO

FRAGMENTADA: TRAJETÓRIA E OLHAR DA ARTE EDUCADORA SOBRE SUA
OBRA

MATINHOS

2021

DÉBORA BRANCAGLIÃO

FRAGMENTADA: TRAJETÓRIA E OLHAR DA ARTE EDUCADORA SOBRE SUA
OBRA

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes, Setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Artes.

Orientador: Prof. Adalberto Penha de Paula

MATINHOS

2021

TERMO DE APROVAÇÃO

DÉBORA BRANCAGLIÃO

FRAGMENTADA: TRAJETÓRIA E OLHAR DA ARTE EDUCADORA SOBRE SUA OBRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Artes.

Prof. Dr. Adalberto Penha de Paula - Orientador
Câmara do curso de Licenciatura em Educação do Campo
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Prof.^a Dr.^a Ana Elisa de Castro Freitas
Câmara do curso de Licenciatura em Artes
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Prof.^a Dr.^a Luciana Ferreira
Câmara do curso de Licenciatura em Artes
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Matinhos, 10 de março de 2021.

AGRADECIMENTOS

Pelas experiências vivenciadas em Matinhos, pelos dias de chuva e de sol. Ao espaço que contemplo, ao morro, as poças de água que molharam meus pés tantas vezes indo para a Universidade. A existência da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral e as pessoas queridas que conheci ali. Ao PIBID e ao Colégio Estadual Tereza da Silva Ramos onde aprendi tanto. A Professora Luciana Ferreira que confiou em mim para fazer parte desse projeto. Ao professor Adalberto Penha de Paula por toda sua paciência e apoio na orientação desse trabalho. A SEPOL e todas as pessoas que a compõe por sempre me acolherem. A todos os meus amigos e amigas no curso de Serviço Social em especial Thaís Caroline Rodrigues, Fabio Schulz e Thaina Sousa que me ensinaram tanto e dividiram sua morada e experiências de vida comigo. Agradeço a minha grande amiga Beatriz Kulka pelas fogueiras a luz do luar. A Silvana Pampuch que me alegrou nas manhãs difíceis e me puxou tantas vezes que quis desistir. A minha família e minha querida amiga Vanessa Novais por sempre me escutar e apoiar. Pelos momentos com os meus colegas do curso de Artes dentro e fora da Universidade. Ao meu companheiro de vida Victor Correia por seu amor e paciência.

“Quanto mais se afastava da infância e se aproximava do presente, mais insignificantes, mais duvidosas eram as alegrias”.

Tolstói

RESUMO

Este trabalho apresenta o relato da experiência artística e revela o olhar da arte educadora sobre a sua obra e trajetória. Pela técnica da colagem vai se adentrando em aspectos íntimos, refletindo sobre as práticas e sua importância fundamental na construção da arte educadora. A prática artística em colagem disponibiliza um espaço de criação e resignificação, evidencia aspectos importantes da autonomia. Valorizando principalmente o processo de criação e todos os seus pontos essenciais para o desenvolvimento de um indivíduo consciente de suas habilidades e potencialidades, ampliando o (re)conhecimento de si e sua identidade.

Palavras-Chave: Arte. Criação. Colagem. Identidade. Educação.

ABSTRACT

This work presents the report of the artistic experience and reveals the art educator view of her work and trajectory. Through the collage technique, he gets into intimate aspects, reflecting on the practices and their fundamental importance in the construction of an art educator. The artistic practice in collage provides a space for creation and reframing, it highlights important aspects of autonomy. Valuing mainly the creation process and all its essential points for the development of an individual aware of his abilities and potential, expanding his self-knowledge and identity.

Keywords: Art. Creation. Collage. Identity. Education.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| FIGURA 1 – A VERDADE É VERDADE? | 15 |
| FIGURA 2 – DESPERTE POESIA (CAPA)..... | 17 |
| FIGURA 3 – CALDEIRÃO | 188 |
| FIGURA 4 – INSTALAÇÃO SOBRE CARREGADA..... | 20 |
| FIGURA 5 - O QUE VOCÊ CARREGA ESTÁ ENVOLTO EM QUE?..... | 21 |
| FIGURA 6 - PLACENTÁRIA..... | 24 |
| FIGURA 7- FANTASMAGÓRIA | 24 |
| FIGURA 8 - FLUXOS | 24 |
| FIGURA 9 - DUPLICADA | 27 |
| FIGURA 10 - PENDURADA | 28 |
| FIGURA 11- INVÓLUCRO..... | 29 |
| FIGURA 12 – (DIS)TENSÃO..... | 30 |
| FIGURA 13 – ATROPELAMENTO PLACENTÁRIO | 31 |

SUMÁRIO

| | | |
|-----|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | O ENCONTRO COM A TÉCNICA | 13 |
| 2.1 | PROCESSOS DE CRIAÇÃO | 14 |
| 3 | A ARTISTA E A EXPERIÊNCIA | 19 |
| 4 | FRAGMENTADA | 23 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 25 |
| | REFERÊNCIAS | 26 |
| | ANEXO 1 – OBRAS | 27 |

1 INTRODUÇÃO

Quando comecei a elaborar este trabalho me sentia perdida, com muitas inseguranças, questionamentos, dor e principalmente muita raiva. Não cheguei aí por acaso, essas indagações principalmente voltadas para a educação eram motivo de muita frustração, pelo fato de estar me tornando uma educadora e por ter em mim essa energia e vontade de mudança, sentimentos que estavam em conflito constantemente.

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguia continuar vivendo. Cheguei a teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura. (HOOKS, 2017, p.83)

Um pouco antes de iniciar a minha experiência com a técnica da colagem eu estava realizando um levantamento de memórias da educação básica, trabalho elaborado durante o Projeto de Aprendizagem (PA), na UFPR Litoral, o qual cada estudante constrói seu PA, desde o primeiro ano de ingresso na Universidade. Os PA permitem que os indivíduos construam o seu conhecimento de maneira integrada, percebendo criticamente a realidade. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR LITORAL, 2020).

Durante este desenvolvimento, juntamente com as experiências curriculares, iniciei as colagens que ocorreu fluidamente, era uma catarse de todos esses sentimentos, como uma tempestade de fragmentos, estilhaços, como se uma porta estivesse de fato se abrindo para me reconhecer, entender quem é a Débora, do que se constitui essa mulher, artista, estudante e educadora. Foi pela técnica que esse caminho se evidenciou, revelando uma relação de amorosidade, as imagens dando a possibilidade de materializar meus sentimentos, frustrações, traumas, tudo aquilo que me compõe como um ser na totalidade da sua existência. Diante desta vivência comecei a refletir sobre todo esse processo e como essa técnica revelou segundo Jung (2016), o início de um crescimento psíquico.

Quando nos reconhecemos, conseguimos integrar melhor um espaço compreendendo as nossas potencialidades, e esse processo que inicia sendo individual se transforma quando retornamos dele como pessoas mais conscientes

para o coletivo, nas discussões com amigos e em espaços para disseminação da arte, na própria internet, essas vivências ultrapassam o espaço escolar e acadêmico. De acordo com Freire (1979, p.14), a educação é uma busca realizada por um sujeito, e essa busca deve ser feita com outros seres que também procuram ser mais em comunhão com outras consciências.

Segundo Hooks (2017, p. 28), Trich Nhat Hanh ressalta que “a prática do curador, do terapeuta, do professor, ou de qualquer profissional de assistência deve ser dirigida primeiro para ele mesmo. Se a pessoa que ajuda estiver infeliz não poderá ajudar muita gente”. Neste sentido, a experiência com a colagem me fez notar que quanto mais nos tornamos conscientes desse processo de se autorreconhecer, seja por meio de um desenho, escrita, atuação, música, dança ou qualquer tipo de manifestação entramos em contato com o nosso centro interior (*self*), e esse reconhecimento revela as particularidades, subjetividade e autonomia, revelando-se as próprias vontades.

Estas reflexões vão ao encontro da educação, principalmente quando pensamos que o objetivo da Arte e da Arte Educação é ocupar um espaço onde as manifestações artísticas entrem em contato com o indivíduo, afim de proporcionar questionamentos e conseqüentemente proporcionar pela arte, o caminho para desvelar o seu lugar no mundo (pertencimento), se colocando como um ser consciente e crítico na sociedade. O indivíduo conforme Freire (1979, p.14), “Deve ser o sujeito da sua própria educação, e não objeto dela.” A Arte Educação faz o papel de abrir esse espaço, quando trabalha a favor do estudante dando liberdade criativa para que possa externalizar aspectos de si, se visualizando na própria arte (re)conhecendo sua identidade e seu lugar no mundo. De acordo com Carlos (2017, p.18), a tríade cidadão-identidade-lugar aponta a necessidade de considerar o corpo, pois é através dele que o homem habita e se apropria do espaço (através dos modos de uso). A nossa existência tem uma corporeidade pois agimos através do corpo.

Diante desta contextualização, o objetivo desse trabalho é narrar o processo de criação e a experiência da arte educadora diante da sua obra. O respectivo texto se organiza de maneira que dialoga com a proposta dos fragmentos, ou seja, a totalidade do texto em si se dá a partir dos fragmentos expressos em cada seção. Assim, na primeira seção apresenta a descrição da técnica como propulsora dessa reflexão, em seguida expõe os relatos do processo criativo revelando a importância

dos cadernos/diários de criação à medida que a artista vai se adentrando em aspectos psíquicos para a construção dos trabalhos.

Na sequência narro como as experiências em coletivo (exposições) trouxeram novas reflexões e fazem parte do processo criativo, que enfim reverberou para a exposição “Fragmentada”, cujo objetivo foi selecionar algumas colagens manuais produzidas durante o percurso entre 2018 à 2020 e finalizá-las digitalmente para compor essa série de trabalhos. Por fim, a exposição encerra esse percurso com um apanhado das obras que se conectam diretamente com as reflexões descritas neste trabalho, sendo a exposição o reflexo visual dessa narrativa.

2 O ENCONTRO COM A TÉCNICA

Durante o levantamento de memórias da educação básica, os incômodos internos borbulhavam, o mal estar associado a um processo se iniciava o despertar de uma nova consciência sobre mim mesma. Segundo Franz *et al.*, (2016, p.211), esse processo pode ser chamado de individuação, a harmonização do nosso consciente com o nosso próprio centro interior, o *self*.

Em geral começa infligindo uma lesão a personalidade, acompanhada de conseqüente sofrimento, esse choque inicial é uma espécie de “apelo”, apesar de nem sempre ser reconhecido como tal, ao contrário, o ego sente-se tolhido de suas vontades ou desejos e geralmente projeta sua frustração sobre qualquer objeto exterior. (FRANZ *et al.*, 2016 p.219)

Me recolhendo e reavivando minhas memórias, essa vivência foi se afluando, mesmo em meio aos turbilhões a minha volta eu encontrei um local seguro para me escutar, mergulhei em mim, vivi a solidão do início de um processo criativo. Na solidão escutei meu *self* e a partir daquele momento se iniciou o meu encontro com a colagem, revelou-se uma ponte para canalizar os estímulos do cotidiano, fazer o resgate de memórias, vivências, tudo aquilo que me compunha.

A solidão não é uma ausência de energia ou ação, como acreditam algumas pessoas, mas é, sim, um tesouro de provisões selvagens a nós transmitidas a partir da alma. Nos tempos antigos a solidão era tanto paliativa quanto preventiva. Ela era usada também como oráculo, como um meio de se escutar o *self* interior a fim de procurar conselhos e orientação que, de outra forma, seriam impossíveis de ouvir no burburinho do dia a dia. (ÉSTES, 2018, p.334)

Adentrei em mim pela técnica pensando nos trabalhos como um espelho, uma fonte autobiográfica ou até mesmo o autorretrato da artista e educadora, imaginei cada pedaço de papel como se fossem pedaços de mim, associado à simbologia de cada figura recortada, um grande quebra-cabeça, sempre indagando sobre o que eu estava tentando contar ali ou o que eu estava tentando juntar de mim. Cada passo dado dentro da técnica traz em si aspectos que se relacionam a vivência de cada ser. A busca de imagens, a casualidade dos encontros, encaixe e sobreposição de figuras, etapas que se conectam com a nossa própria existência:

É o 'encontro' e seu espaço mágico, que permite à *collage* delatar o desejo que constituiu (...) Equivale a uma mecânica de articulação de imagens que são reconjugadas. É por sua própria dinâmica um descobrimento íntimo (desvelação, recorte), onde o fluir original acaba por gerar novas imagens que são fruto de realidades anteriores ao nível do imaginário. (LIMA, 1984, p.84)

As reflexões começaram a ser recorrentes após algumas práticas, me levando para além do suporte papel e dos recortes se manifestando como uma ideia de colagem presente em todo processo criativo mais especificamente relacionada ao corpo. Quando eu fiz alguns cadernos, e comecei a escrever sobre lembranças, no geral, sobre a minha história revelou-se mais ainda essa interação: o ser se forma e é constituído e se ressignifica assim como as imagens. Segundo Monachesi (2011 *apud*, BERNARDO, 2012, p.95) a colagem se mostra menos assertiva e impositiva, é como o artista olhando para os destroços e recolhendo o que lhe restou, para poder reorganizar, é por isso que a colagem é tão condizente com o contemporâneo. Essa liberdade de poder ressignificar expandiu as possibilidades e pensamentos, me conectando de maneira tão potente com as etapas envolvidas na colagem, a técnica se fundiu à artista e educadora possibilitando trilhar um caminho criativo a partir dela.

2.1 PROCESSOS DE CRIAÇÃO

Me sentava para recortar, juntar, colar, e olhar o resultado, optei pela livre criação, ou seja, a arte fluída de maneira espontânea, sempre observando as imagens e o quanto a arte retrata os aspectos do ser. De acordo com Ostrower (2001)

Frente a realidade concreta em qualquer situação de vida o indivíduo é delimitado por uma série de fatores (de ordem material, ambiental, social, cultural, e de ordem interna vivencial, afetiva) que se combinam em múltiplos níveis intelectuais e emocionais, em parte tornando-se conhecidos, conscientes e em parte permanecendo desconhecidos, inconscientes. (OSTROWER, 2001 p. 149)

Às vezes, não muito consciente, dessa espontaneidade eu sempre busquei ser fiel as minhas particularidades. E não foi fácil, existia certa negação em aceitar a própria criação. Para Ostrower, (2001, p.150), “Entende-se, portanto, que o espontâneo não há de identificar-se com o impensado. Identifica-se com o coerente e com o intuitivo, com tudo que, ao elaborar-se em nós, concomitantemente se estrutura em nós.” A partir dessas vivências eu estava integrando a minha personalidade pelos

processos criativos (colagem), e teria como resultado trabalhos que trazem aspectos de mim. “A obra criada é vista como uma mensagem de vivências pessoais.” (OSTROWER, 2001, p.150).

A primeira colagem “A verdade é verdade? (2018)”, que foi produzida em A3 em papel paraná foi produzida durante o Projeto de Aprendizagem um dos momentos marcantes, porque externalizava muitas questões e desconfortos, esse momento tão necessário foi a fonte, a primeira conexão com esse processo de criação.

FIGURA 1 – A VERDADE É VERDADE?



FONTE: A autora (2018)

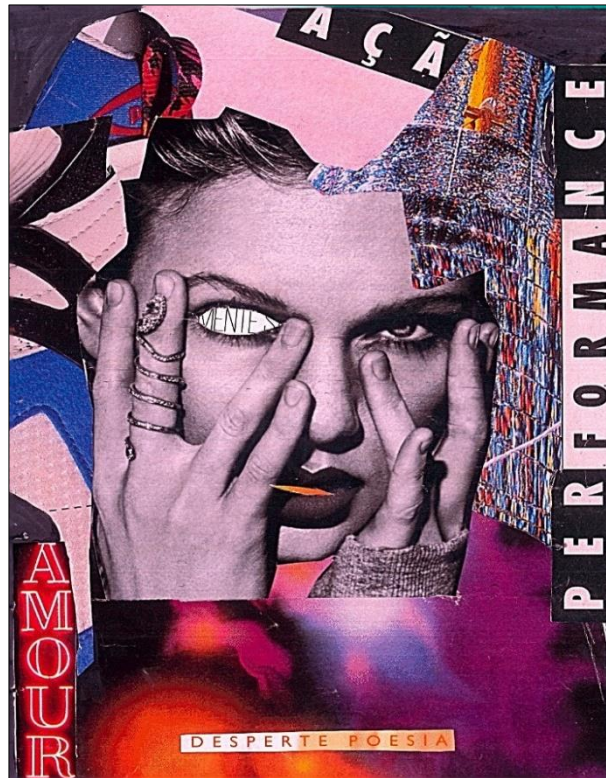
Depois dessa primeira colagem, eu entrei num momento criativo pouco favorável, fiquei aprisionada não conseguia mais me conectar com a criação espontânea, a partir daí os cadernos criativos me ajudaram. Produzindo os cadernos para anotar, desenhar e expor pensamentos, ideias e críticas perante a vida e a sociedade a artista não se dissocia da sua arte, a artista transborda e se reconhece de maneira pura nas suas criações, revelando os cadernos e/ou diários assim como “O diário de Frida

Kahlo: Um autorretrato íntimo (1994), que expõe relatos importantíssimos de processos de criação da artista, e é uma fonte de inspiração.

Entendemos que o interesse derivante de O diário... esteja ligado ao fato de que, por mais corriqueira que seja a prática diarística, ou seja, ligada ao cotidiano do qual é ao mesmo tempo testemunho e parte constitutiva, a artista não consegue (nem pretende) escapar de sua arte e, por isso, ela, a arte, tende a mostrar-se nessa prática simples, como “segredo” e “técnica” dissimulados entre os véus das palavras e das cores. (MAESTRO, 2014 P.17)

Fiz o caderno e especialmente a capa (colagem manual no formato A5) é como a porta, a entrada para esse universo de desprendimento ou pelo menos da tentativa de deixar ali um pouco de tudo que a artista absorve do mundo. Reavivar esses aspectos da a possibilidade de resignificar e transmutar, se reconectando com a força psíquica adormecida. Este movimento gera agitação, a agitação fica evidente no uso da palavra como potência: Ação, Performance, Amor, Mente-sã, Desperte e Poesia são as palavras que compõe a capa do primeiro caderno, evidenciando o movimento e ação presente no corpo: imagem e palavra em conexão, elementos são corpos que juntos farão parte da composição, e se integram, formando um único corpo.

FIGURA 2 – DESPERTE POESIA (CAPA)



FONTE: A autora (2019)

Me apropriando desses novos processos me permiti mergulhar mais fundo nessa criação, a obra Caldeirão (2019) feita em papel Canson A5, com técnica em aquarela e colagem traz um pouco dos aspectos desse momento de encontro pelas diferentes linguagens e pela reflexão da técnica da colagem, vi uma mulher triste e em busca de se reconhecer, aceitar a sua imagem e remexer as dores, para enfim, despertar.

Essa é a nossa técnica de meditação enquanto mulheres, a evocação de aspectos mortos e desagregados de nós mesmas, a evocação de aspectos mortos e desagregados da própria vida. Aquela que recria a partir do que está morto é sempre um arquétipo de duas faces. A Mãe Criadora é sempre também a Mãe Morte, e vice-versa. Em virtude dessa natureza dual ou dessa duplicidade de função a grande tarefa diante de nós é compreender à nossa volta e dentro de nós exatamente o que deve viver e o que deve morrer. Nossa tarefa reside em captar a situação temporal de cada um: permitir a morte àquilo que deve morrer, e a vida ao que deve viver. (ÉSTES, 2018, p.47)

FIGURA 3 – CALDEIRÃO



FONTE: A autora (2019)

A partir desse despertar se inicia o percurso das experiências, onde as práticas deixam de ser focadas no individual e se integram ao coletivo, a fim de amadurecer e evidenciar alguns aspectos do processo relevantes para objetivo final.

3 A ARTE EDUCADORA E A EXPERIÊNCIA

A experiência de expor alguns trabalhos durante o percurso de produção foi de extrema importância para o crescimento processual da obra e entender sua relevância, assim como possibilitar novos olhares e parcerias com artistas, amadurecendo meu olhar em relação as minhas produções, abrindo ao público uma imensidão de interpretações, ampliando o olhar da artista para fora de si e do processo de criação individual.

A apresentação do meu Projeto de Aprendizagem na Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, no curso de Licenciatura em Artes, aconteceu em 2018 sendo a primeira exposição dos trabalhos. Ainda em fase inicial a proposta se deu através de um percurso entre mapas mentais, que demonstravam as memórias da educação básica e a as primeiras colagens. A segunda exposição desses trabalhos foi em 2019, no Circuito CulturArte em Matinhos-PR, onde foram expostos oito trabalhos elaborados a partir da colagem, nas seguintes dimensões A3, A4 e A5.

A terceira exposição ocorreu na Mostra “Sobrecarregada” onde, além de levar as colagens para compor a exposição, tive o prazer de trabalhar com a artista Marina Chiva que foi a idealizadora dessa Mostra. Trabalhamos juntas na obra “Sobrecarregada” uma instalação inspirada num trabalho anterior da artista: A performance “*Carregada*” que aconteceu em novembro de 2016 no Fórum de Enfrentamento à Violência contra a Mulher de Matinhos, realizado pela Coletiva “Nóis por Nóis” na Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, segundo a artista:

[...] foi permeada de significados sobre o peso que a mulher carrega e como isso reverbera em seus corpos. Trazendo os questionamentos sobre identidade e identificação para o próprio corpo e para ser trabalhado esteticamente com imagens que a partir da sua criação podem ter livres interpretações de acordo com cada sujeito. (CHIVA, 2019, p.10)

A obra se conectou com as minhas experiências com a colagem e com as reflexões sobre o corpo envolvido nas criações.

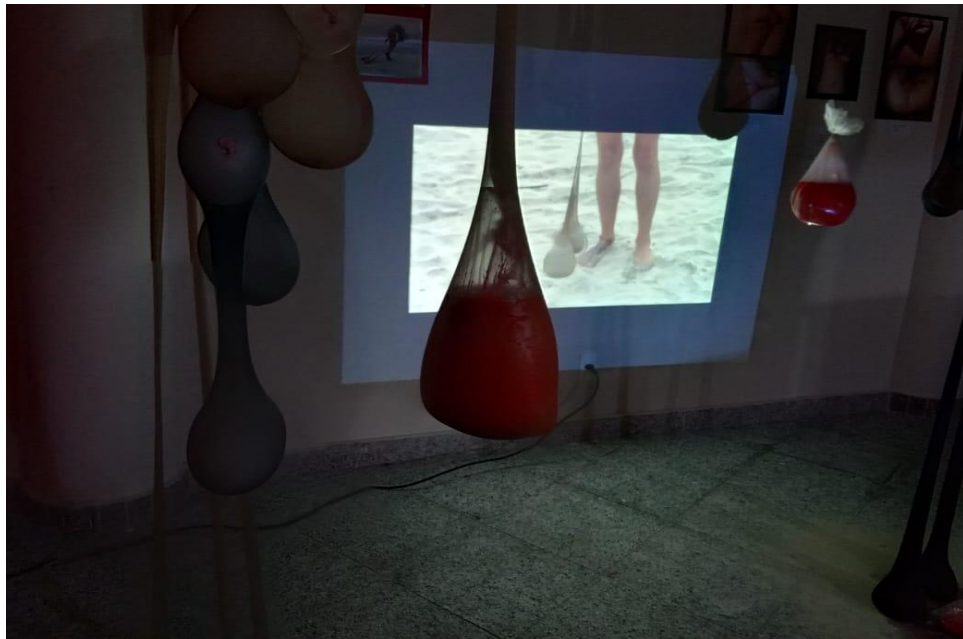
A arte contemporânea pode ser entendida como colagem, devido à junção de etapas distintas de um processo criativo na montagem de um trabalho artístico. Assim, o trabalho que não poderia mais ser entendido apenas por seu resultado visual, que muitas vezes nada mais é do que um registro da

obra, exigindo o conhecimento da narrativa instaurada pelo artista a partir de um projeto-conceito. (BERNARDO, 2012, p. 99)

Para a instalação fizemos experimentos com areia, meia calça, água e tinta, manuseamos esses materiais e fizemos um vídeo que compôs a instalação. Revelei para a Chiva algumas fotografias, autorretratos do meu próprio corpo e uma poesia que também fez parte da instalação.

Seguindo a ideia de identidade de autores como David Harvey (1994) e Stuart Hall (2005), pode-se dizer que o autorretrato não se configura apenas como uma representação narcísica, mas como uma forma de representação da própria identidade, incluído aí o estranhamento característico do homem contemporâneo. Pode-se perceber que esse cenário está representado na produção recente do autorretrato, quando, na captação de autoimagens, investiga-se a busca de sentido em meio à fragmentação do indivíduo. (FALCÃO, 2008, p. 1770).

FIGURA 4 – INSTALAÇÃO SOBRE CARREGADA



FONTE: A autora (2019).

As fotografias vão ao encontro da ideia da fragmentação, assim como a colagem, que tem essa dinâmica dos pedaços. O corpo é formado por essas camadas, que podem ser representadas com a carne como na instalação com as meias preenchidas de areia, as bexigas d'água e fotografias revelando os retratos dos fragmentos do corpo. Desse momento nasce uma nova ideia e um novo conceito

sobre a experiência da colagem revelando essa técnica para além do suporte folha e recortes em papel.

A colagem aqui é experienciada dentro da própria ideia da arte educadora fragmentada e dos processos de criação de cada projeto artístico, assim como aconteceu na instalação Sobre Carregada: as ideias e materiais se unem para compor a obra.

FIGURA 5 - O QUE VOCÊ CARREGA ESTÁ ENVOLTO EM QUE?



FONTE: Marina Chiva (2019).

Corpo

Um corpo
Um corpo desnudado
Corpo de camadas
Camadas de memórias
De dores, sentimentos
Quem sou?
Quem é outro?
Quem somos nós?
Somos pele descamadas pelo ser, no tempo e espaço.
O corpo se reconhece?
Nós reconhecemos nosso corpo?

(BRANCAGLIÃO, 2019)

A partir dessas experiências e atravessamentos, surgem novas reflexões e processos artísticos, ampliando e permitindo à artista dar novos rumos ao processo de criação refletindo por fim no trabalho final dessa experiência: a exposição “Fragmentada”.

4 FRAGMENTADA

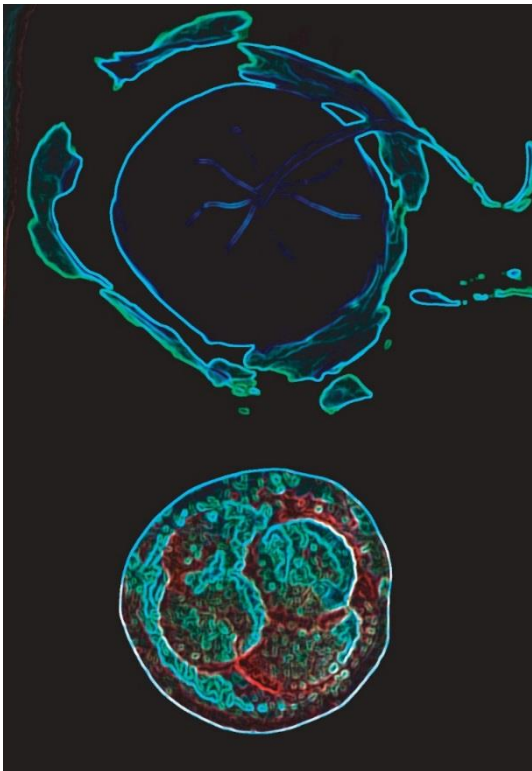
A exposição “Fragmentada” é um apanhado de trabalhos realizados durante o percurso formativo enquanto arte educadora, são colagens manuais, com finalização digital, no formato digital. A exposição foi feita de maneira digital e foi ao ar no dia 12 de janeiro de 2021 pelo site deborabrancagliaio.wordpress.com¹ e até o momento teve 136 visualizações. A exposição conta com uma série de oito obras que se relacionam diretamente com os processos de criação evidenciados neste trabalho e convida o expectador a adentrar sua psique revelando aspectos que compõe a nossa existência.

Atualmente carregando uma bagagem histórica, política, social e cultural sentimos que necessitamos parar para sentir e se conectar com quem somos e perceber onde estamos. Este processo de conscientização se deu a partir de reflexões individuais, mas é aprofundado a partir de necessidades coletivas e requer o olhar para si, o resgate das memórias e a revelação do verdadeiro sentido de pertencimento, para que possamos nos transformar como seres mais conscientes e conseqüentemente transformar a nossa sociedade.

A colagem é uma técnica que recria imagetivamente, assim como o corpo que carrega em si memórias, essência, sua própria subjetividade que é construída a partir dos aspectos internos e externos. Ser é um fluxo contínuo e constante, nesse movimento se transforma desde o seu nascimento, assim como as imagens que são dispostas e reconjugados gerando um novo início – trazendo à vida. Este caminho é marcado por encontros, casualidades, tempo, amor, características que nos transformam como indivíduos durante nossa existência.

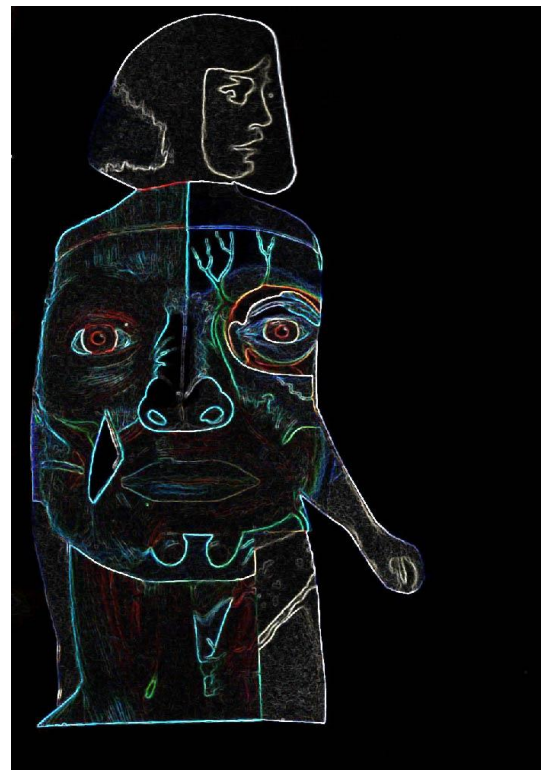
¹ No site também estão registrados outros trabalhos: “Colagens” - <https://deborabrancagliaio.wordpress.com/colagens/> e “Sobre carregada” - <https://deborabrancagliaio.wordpress.com/instalacao-sobre-carregada/>

FIGURA 6 - PLACENTÁRIA



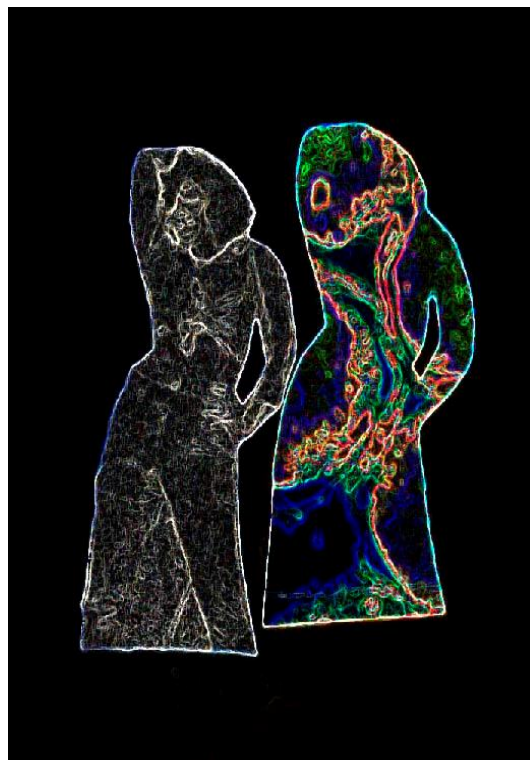
FONTE: A autora (2020)

FIGURA 7- FANTASMAGÓRIA



FONTE: A autora (2020)

FIGURA 8 - FLUXOS



FONTE: A autora (2020)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória que se iniciou no Projeto de Aprendizagem em 2018 aqui se conclui, desde o seu início com as questões permeadas pela educação, o foco se afunilou para os meus processos de criação e como eles são agentes de mudança, em nenhum momento eu me distanciei da temática da educação. Criando, eu refleti sobre como esse caminho que trilhei irá se reverberar na minha trajetória como artista, educadora e docente a partir daqui.

Me apropriei da técnica em colagem e pelos processos criativos encontrei tantas outras técnicas, me permiti desenhar, escrever, me fotografar e me reconhecer e reconhecer meu próprio mundo interior. Assim, o objetivo deste trabalho foi compartilhar esse processo por meio das exposições.

É indescritível a potência de um trabalho artístico e suas manifestações que reverberam de maneira propulsora, nos permitindo acessar camadas profundas desencadeando novas maneiras de se ver e de ver o mundo, permitindo a ressignificação de aspectos que se relacionam diretamente com as vivências e percepções de mundo.

Este caminhar se faz como uma história onde cada parada, cada pessoa, cada diálogo traz consigo um ensinamento. Nesta jornada tive paradas onde estive só e estive em coletivos que impulsionaram ensinamentos e aprendizagens. Destes encontros eu saía mais cheia de energia e ideias para seguir a jornada. A partir disso levo comigo, os aprendizados com a responsabilidade de repassá-los, compartilhá-los aonde eu for, reafirmando o meu compromisso com a educação e a arte, sempre evidenciando como esse percurso é importante na construção de indivíduos mais conscientes de si e seu lugar no mundo.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, Juliana Ferreira. **Colagem nos meios imagéticos contemporâneos**. 2012. 164 p. Dissertação (Mestre em Artes Visuais), Universidade Estadual Paulista, UNESP. São Paulo, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CHIVA, Marina Sefrian. **A arte como experiência do corpo: performances e afetividades**. Trabalho de Graduação (Licenciatura em Artes) - Instituto de Artes Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2019.

ÉSTES, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FALCÃO, Janaina. **O auto-retrato como estratégia narrativa**. 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais – 19 a 23 de agosto de 2008 – Florianópolis

FRANZ, M. L. Von. O processo de Individuação. *In*: JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 3ª ed. Especial. – Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016. p. 210-307.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. – 2ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LIMA, Sergio. **Collage em nova superfície**. São Paulo: Editora Parma, 1984

MAESTRO, L. K. Del. **Entre o encenado, o visto e o escrito: o silêncio**. Escuta do diário de Frida Kahlo. 2014. 190 p. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

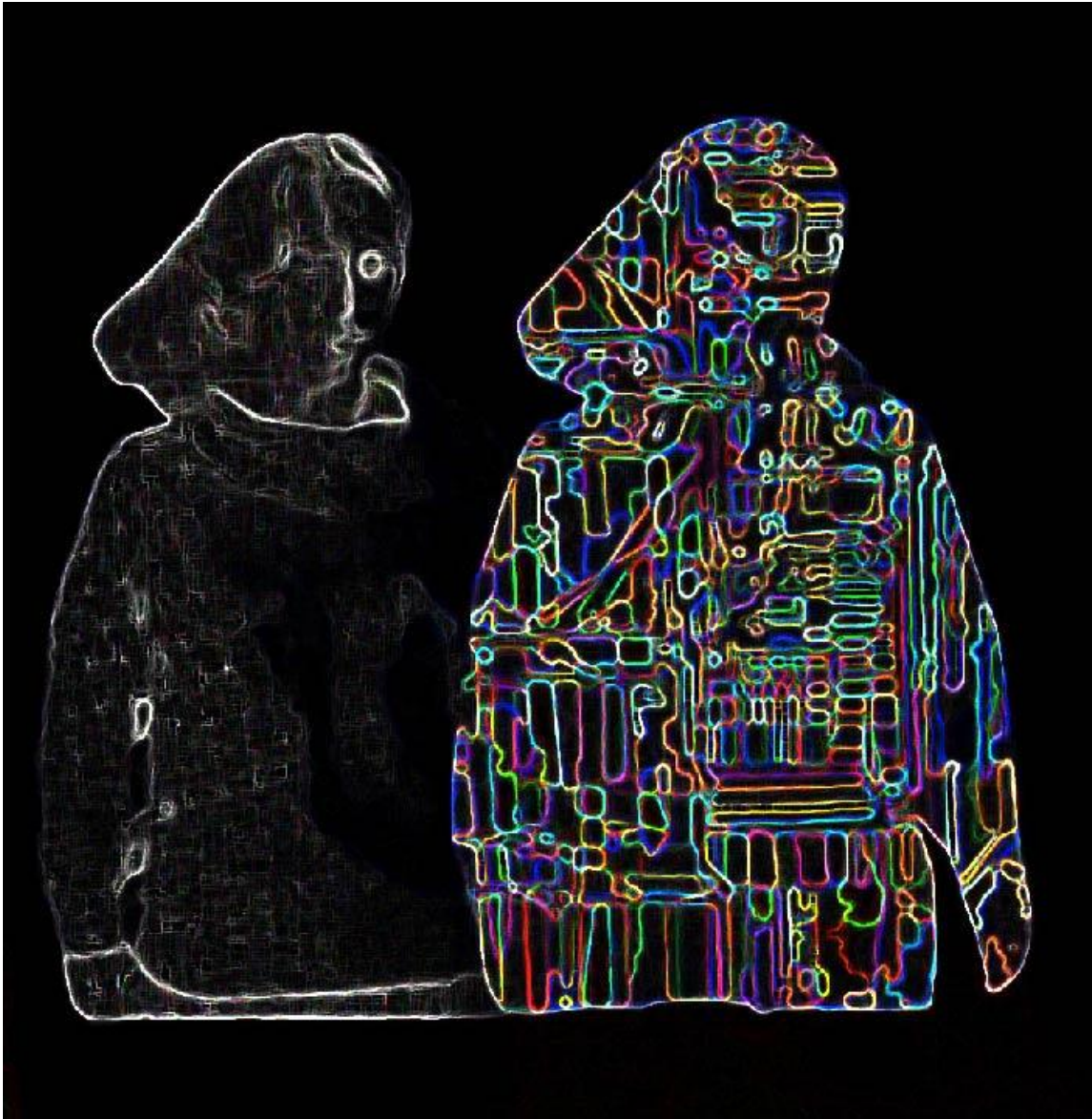
MONACHESI, Juliana. Odires Milászho: O livro entendido como suporte para a arte. **Revista Select**. São Paulo: Editora 3, 2021. Edição, 3, p. 56-60.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, Vozes, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR LITORAL (UFPR). **Projetos de aprendizagem**. Matinhos, 2020. Disponível em: <<http://www.litoral.ufpr.br/portal/ufpr-litoral/projetos/projetos-de-aprendizagem-pa/>> Acesso em: 16 de dezembro de 2020

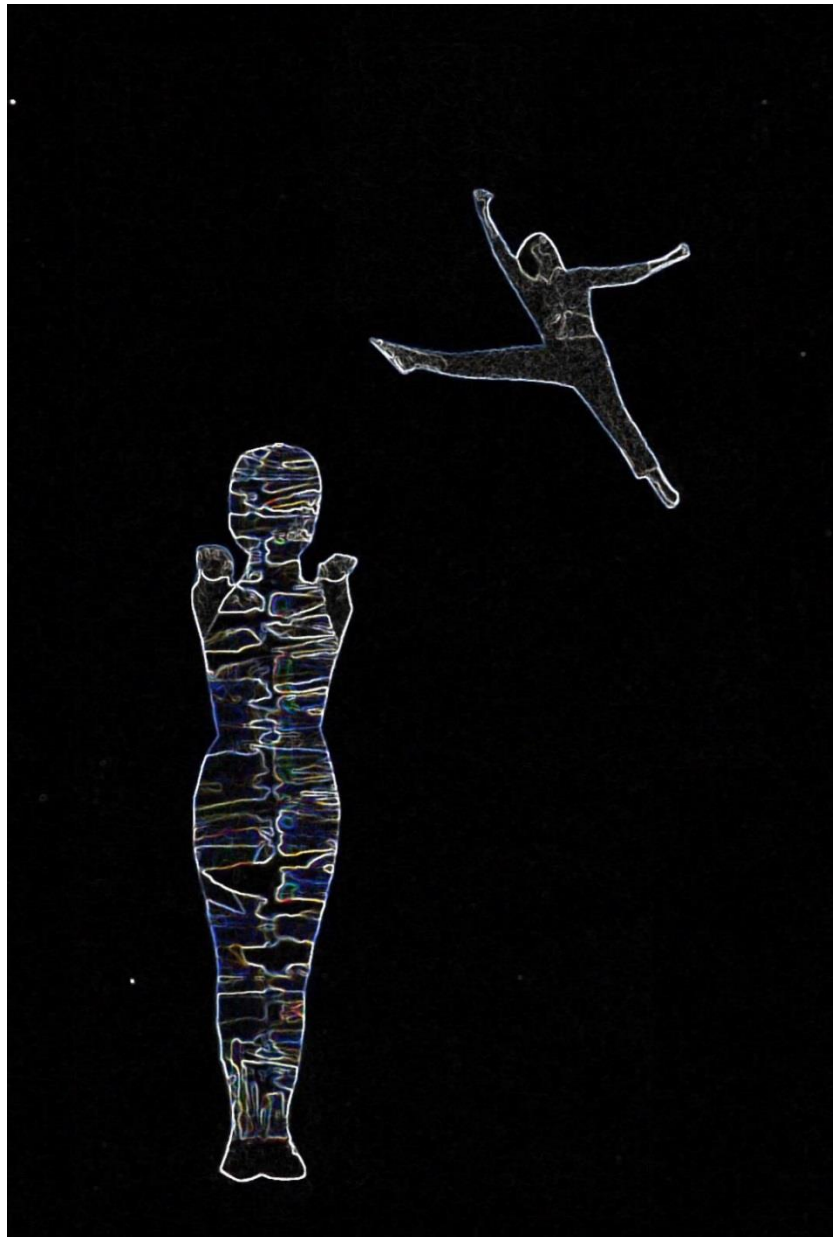
ANEXO 1 – OBRAS

FIGURA 9

**FICHA TÉCNICA**

Título: Duplicada
Autora: Débora Brancaglião
Ano: 2020
Técnica: colagem manual e digital
Dimensões: 701 x 720 pixels

FIGURA 10

**FICHA TÉCNICA**

Título: Pendurada

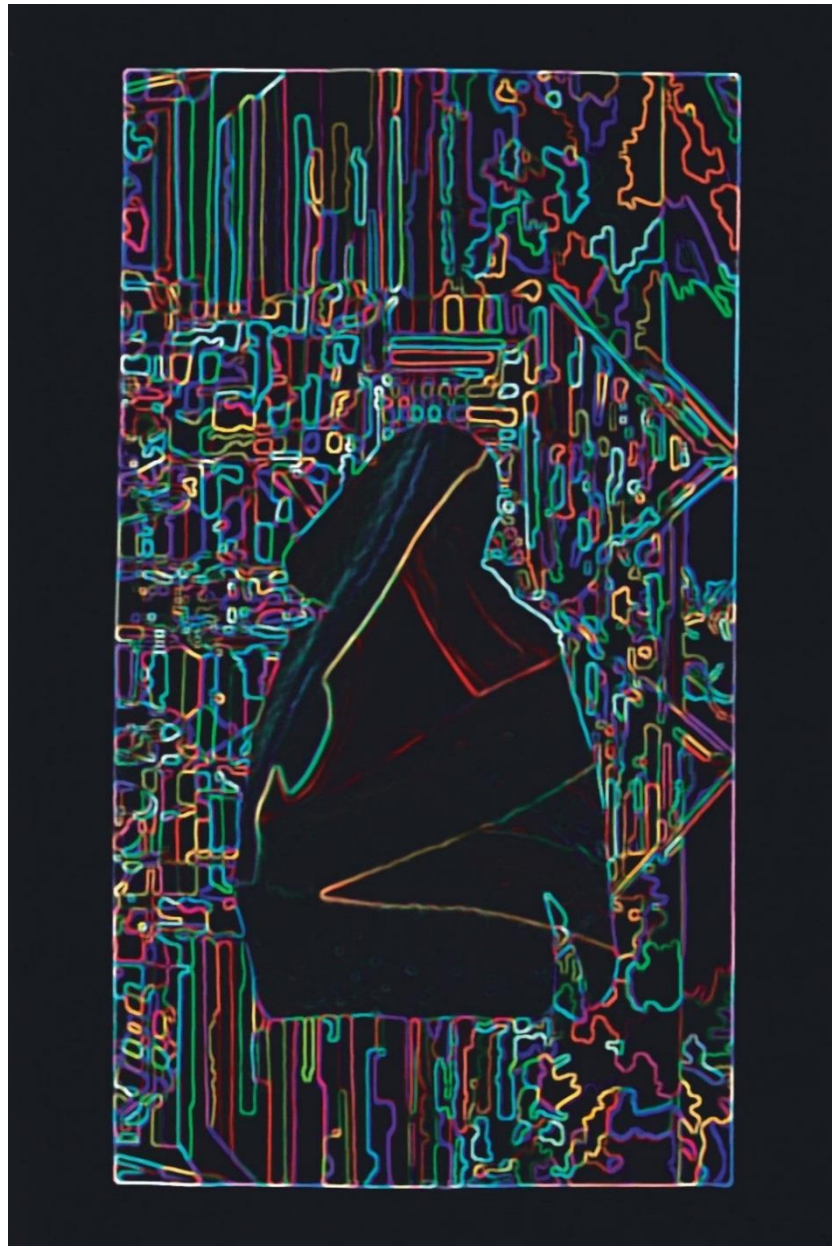
Autora: Débora Brancaglião

Ano: 2020

Técnica: colagem manual e digital

Dimensões: 521 x 652 pixels

FIGURA 11



FICHA TÉCNICA

Título: Invólucro

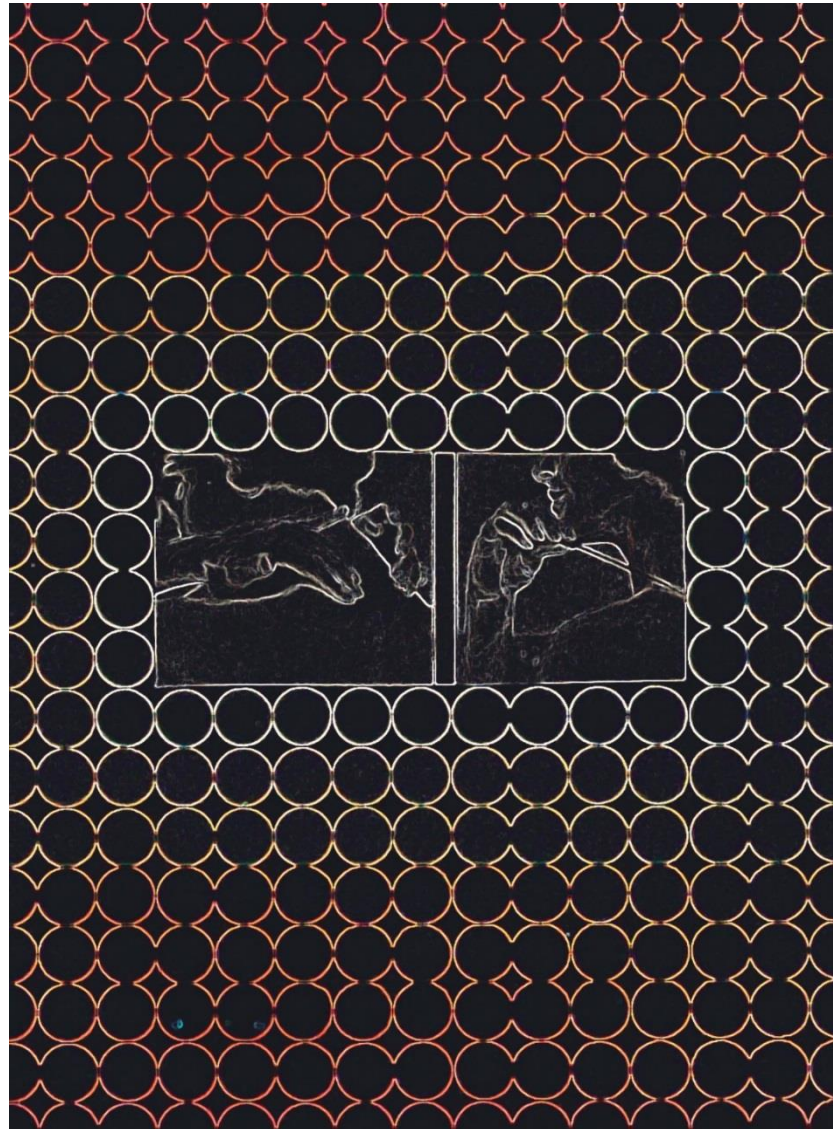
Autora: Débora Brancaglião

Ano: 2020

Técnica: colagem manual e digital

Dimensões: 521 x 652 pixels

FIGURA 12

**FICHA TÉCNICA**

Título: (Dis)tensão

Autora: Débora Brancaglião

Ano: 2020

Técnica: colagem manual e digital

Dimensões: 521 x 652 pixels

FIGURA 13



FICHA TÉCNICA

Título: Atropelamento Placentário

Autora: Débora Brancaglião

Ano: 2020

Técnica: colagem manual e digital

Dimensões: 521 x 652 pixels